

Brasil, país do presente¹

Ana Inoue²

Alguém me contou que, ao perguntar a um intercambista japonês que passara um ano aqui no Brasil o que ele havia aprendido neste período, ele respondeu: “Estando fora do Japão, aprendi o que é ser japonês”.

Tive uma sensação semelhante ao retornar da COP 28: diante do resto do mundo, aprendi muito sobre o Brasil!

Na comparação com outros países, temos algumas vantagens que merecem atenção porque dialogam com a grave crise climática que assola o planeta. Por exemplo, temos uma matriz energética 47% limpa (a média dos países da OCDE é de 14%) e, se considerarmos apenas a matriz elétrica, chegamos aos 88% de energia limpa. Índia, EUA e China estão ainda com o desafio de escalar energia renovável, enquanto nós tivemos o Proinfa - programa de incentivo às fontes alternativas de energia elétrica -, o que nos dá hoje uma vantagem de mais de 20 anos sobre os outros países. É verdade que a velocidade com que tudo caminha fará com que sejamos alcançados rapidamente e a nossa vantagem deixará de existir se não aproveitarmos a oportunidade.

Ao analisar as nossas emissões de gases de efeito estufa (GEE), temos 50% que vêm de desmatamento. Considerando que desmatamento é ilegal, o ajuste à lei já permite redução significativa das nossas emissões. O Brasil tem também outras oportunidades reais, como investir em biocombustível (temos potencial para produzir bilhões de litros de biocombustível) e assumir um lugar central no abastecimento de combustível sustentável para a aviação. A perspectiva de movimentar a economia por meio de créditos de carbono a partir da recuperação de áreas degradadas é um poderoso vetor.

Após 30 anos, a COP28 trouxe pela primeira vez a menção, ainda que tímida, aos combustíveis fósseis e o compromisso de 200 países elaborarem, nos

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/opiniao/coluna/brasil-pais-do-presente.ghtml>

Acessado em 20.12.2023

² superintendente do Itaú Educação e Trabalho

próximos dois anos um plano de transição energética para redução de emissões dos GEE até 2035. Será na COP30, em Belém, no Pará (que, espero, seja a COP da Floresta), que este compromisso será revisitado. O Brasil pode ter muito a apresentar.

As vantagens que temos hoje são apenas comparativas; devemos transformá-las em vantagens competitivas

Estas vantagens e oportunidades que temos hoje são apenas comparativas, são apenas oportunidades. Podemos e devemos torná-las vantagens competitivas, mas para isso precisamos, primeiramente, ter uma visão de longo prazo, compreender que as mudanças que teremos que fazer exigirão o que pode parecer “perda” em um primeiro momento, mas que são o estágio anterior ao avanço, tal qual o atleta que dá alguns passos atrás para ganhar impulso para o salto.

Temos possibilidade real de assumir uma posição decisiva no mundo. Temos ativos para isso: água, sol, vento, natureza, terra para produzir legalmente créditos de carbono. Temos a Amazônia!

Como o desafio ambiental é planetário e coletivo, e não de um país ou outro, estas vantagens que temos são importantes para o Brasil, mas também para o mundo! E o Brasil tem o que oferecer diante desta crise climática que vivemos. Temos a possibilidade de produzir produtos intensivos em energia, como o aço, com menor emissão de GEE, porque temos uma matriz mais limpa do que a maioria dos países. Hidrogênio verde, combustível importante para a transição energética será mais barato produzido no Brasil do que em outros países, segundo a Bloomberg.

O Brasil não é o país do futuro, é o país do presente. E, acima de tudo, temos pessoas: as juventudes! Precisamos dar efetivas oportunidades para elas se engajarem nestes campos que se abrem em torno da floresta, do reflorestamento e da transição energética para não perdê-las. Precisamos dar oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional a elas. Isso é estratégico para o país acelerar o nosso desenvolvimento social e econômico.

Já citei aqui em artigos anteriores estudos que mostram aumento de 2,32% do PIB caso consigamos triplicar as matrículas de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), como está no Plano Nacional de Educação. Alinhar a formação dos jovens com as novas economias e a continuidade de desenvolvimento profissional ao longo da vida é garantir a prosperidade do país.

Volto aqui para lembrar que o Brasil ainda é um país com mais jovens do que idosos. Isso hoje é uma vantagem. Os mesmos jovens que, tendo recebido formação robusta e de qualidade, podem proteger e valorizar a floresta; na ausência dessa educação, podem destruí-la.

A formação dos jovens, se feita com qualidade e responsabilidade, se reverterá em um país com pessoas com condições de cuidarem de si mesmas e de seus próximos, de sua comunidade, de seu país; de defender a floresta, a nossa Amazônia, nossos rios e nossos mares; de defender a nossa tão cara democracia e fortalecer nossa economia; de promover a transição energética justa que almejamos.

Ressalto que este meu otimismo com as juventudes esbarra no “se” da frase anterior. Devemos ter atenção às condições de desenvolvimento oferecidas a elas.

Se desperdiçarmos a chance de formar os jovens, a consequência será que, num futuro próximo, estaremos consumidos em criar mais e mais políticas assistenciais necessárias para cuidar de adultos que, em 2024, quando jovens, tiveram suas oportunidades de desenvolvimento profissional roubadas. Seremos um país medíocre, atolados em nossa desigualdade.

As juventudes são uma oportunidade de avançarmos. Se bem orientadas, elas são parte da solução! A educação e formação profissional delas são o nosso grande desafio e nossa responsabilidade!

Que em 2024 nosso caminhar para um desenvolvimento sustentável, justo e com dignidade, seja firme, acelerado e no coletivo. Com as juventudes!